

TEATRO NA USINA: PERFORMANCES  
FOLKCOMUNICACIONAIS NOS CENÁRIOS  
DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

---

*Ítalo Rômany de Carvalho Andrade\**  
*Severino Alves de Lucena Filho\*\**

## RESUMO

O presente trabalho analisa as performances folkcomunicacionais proferidas pela atividade cultural do projeto Teatro na Usina, realizado na Destilaria Japungu, na cidade de Santa Rita, Paraíba. O aporte teórico usado passou pelo crivo da Folkcomunicação, Desenvolvimento Local e Performances Culturais. O método aplicado é o de estudo de caso que prezou por instrumentos de análise do território e de seus sujeitos, nas questões sociais, estruturais e econômicas, focando no acompanhamento das encenações, antes, durante e depois de cada uma delas, no mês de julho de 2017. Entrevistas semiestruturadas foram realizadas no intuito de entender o universo do cortador, protagonista deste artigo, revelando o perfil, as mudanças após as Normas Regulamentadoras do Ministério do Trabalho e a relação com o teatro. Conclui-se que o projeto contribui para os processos de apoio ao desenvolvimento local.

**Palavras-chave:** Cidadania. Protagonismo Social. Comunicação. Educação. Performances.

---

\* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), onde atuou dentro da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação. Jornalista formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: [italoromany@outlook.com](mailto:italoromany@outlook.com)

\*\* Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: [recifrevo@uol.com.br](mailto:recifrevo@uol.com.br)

## INTRODUÇÃO

A madrugada ainda não acabara e mais uma vez era preciso despertar antes mesmo de o galo cantar. O trabalho no canavial exige acordar cedo, por volta das três da manhã, para posteriormente pegar o ônibus e iniciar as atividades no corte de cana-de-açúcar. A realidade vivida por muitos trabalhadores rurais não é diferente na Destilaria Japungu Agroindustrial, localizada na cidade de Santa Rita,<sup>1</sup> a 20 km de João Pessoa, na Paraíba.

Há um dia no ano, entretanto, que a família toda faz o mesmo ritual. Acorda cedo, prepara o café, veste a melhor roupa, a mais bonita. É que a empresa promove um encontro, uma integração entre funcionários, esposas, filhos e agregados (sobrinhos, primos etc.), além dos dirigentes para dar início aos trabalhos na safra. O retorno ao canavial é um dos momentos mais aguardados pelos cortadores. É também dia de diversão e de ver teatro.

Desenvolvido pela Companhia Paraíba de Dramas e Comédias,<sup>2</sup> o projeto Teatro na Usina nasceu no ano de 2004, a partir de um processo pensado concomitantemente com a Japungu – como forma de melhorar a comunicação entre empresa e funcionários (ou colaboradores, como são chamados na usina).

O objetivo era o de conscientizar o cortador de cana-de-açúcar a respeito do próprio trabalho exercido, quebrando barreiras culturais acerca da profissão, uma das mais antigas do Brasil. Além disso, era preciso debater certas problemáticas enfrentadas por este sujeito no cotidiano, como também pelos familiares, ante as drogas, violência doméstica etc., utilizando uma linguagem que se aproximasse do dia a dia. O teatro foi, assim, a ação-comunicativa encontrada pela Japungu no intuito de resgatar a autoestima e o respeito com os valores da cidadania.

Desta forma, os espetáculos começaram a constituir nessas localidades uma mudança social e de comportamento, como a diminuição de casos de alcoolismo, problema enfrentado nas comunidades adjacentes à usina. Dentro deste estudo folkcomunicação, o processo de comunicação existente perpassa a própria plástica da encenação, permitindo desta forma uma interação conjunta entre emissor e receptor, que neste caso são preenchidos por personagens e plateia, respectivamente.

---

<sup>1</sup> Localizada na Região Metropolitana de João Pessoa; segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2017), a cidade de Santa Rita tem uma população estimada de 136.851 habitantes.

<sup>2</sup> Fundado por Erivan Lima no ano de 2004, na cidade de João Pessoa. Desenvolveu espetáculos como “O Cabaré da Dera”, “Saltimbancos”, “Os Profetas da Comédia”, entre outros. Também tem atuação como teatro-empresa, utilizando a arte como instrumento de comunicação corporativa em treinamentos, eventos e congressos.

Os textos são criados pelo grupo teatral a partir de entrevistas com os cortadores de cana e com os dirigentes da empresa, para que as encenações possam refletir, de fato, os problemas que estão dificultando o trabalho e a vida social de cada um em tal instante. Foi dessa forma que surgiram as performances “Orgulho de ser cortador”, “Trabalhador que constrói o seu futuro”, “O trabalhador que se alimenta bem, saúde ele tem”, “Trabalhador exemplar que não gosta de faltar”, “Trabalhador consciente cuida da saúde e evita acidente”, entre outros. Em 2017 (que constitui parte da análise deste artigo), o tema foi “Doutor, me ensine a viver”, dramaturgia que retrata os cuidados com a saúde, tendo como foco a diabetes e a hipertensão.

Através do estreitamento que foi fortalecido entre a usina e o grupo teatral, nas dimensões de cultura, poder e trabalho, as performances conseguem influir em ambientes socialmente marginalizados pela sociedade – ante toda uma questão política que há por trás desse direcionamento. Ao utilizar a mesma linguagem do receptor, neste caso o cortador de cana, a mensagem se difunde mais rapidamente. Na verdade, as reflexões acerca do processo metodológico evidenciam tal perspectiva.

Dentro do proposto, este artigo analisa como as performances folkcomunicacionais utilizadas no projeto Teatro na Usina contribuem para o processo do desenvolvimento local dos trabalhadores de cana-de-açúcar, do ponto de vista das ressocializações e estratégias de comunicação propostas. O presente trabalho é parte da dissertação intitulada “Vozes do Canavial: Uma análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local”, defendida no mestrado de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob a orientação do professor doutor Severino Alves de Lucena Filho.

### *PERCURSO METODOLÓGICO*

O método de investigação utilizado foi o de estudo de caso, tendo como principal foco o de entender os fenômenos sociais existentes na Destilaria Japungu e a relação da comunicação teatral, no intuito de caracterizar o conhecimento sobre os instrumentos que propiciam a inclusão social e o desenvolvimento local, presentes na pesquisa.

A partir desse pressuposto, a opção pela temática se deu, primeiramente, para ampliar o debate acerca das diferenças socioeconômicas em nosso país, tendo como objeto de estudo os cortadores de cana, grupo rural marginali-

zado, consoante discussão proposta por Beltrão (1980) na análise crítica que realiza sobre as diversas comunidades excluídas pela sociedade.

Para tanto, o projeto Teatro na Usina foi escolhido devido à iniciativa cultural e social que realiza nessas localidades, em geral periféricas dos centros urbanos. Dessa forma, o teatro, que ainda é visto como um bem cultural não acessível a todos, sai do seu lugar tradicional - do tablado- e consegue romper espaços, assumindo um papel primordial na autoestima desses trabalhadores, principalmente por causa das abordagens realizadas. A elaboração das análises aconteceu na Destilaria Japungu, localizado na cidade de Santa Rita-PB, pois foi a primeira usina a receber os espetáculos, e, segundo o diretor do projeto, Erivan Lima (2017), foi a localidade onde o teatro teve um maior impacto social nos cortadores de cana e nas suas famílias, a exemplo da diminuição de casos de violência contra a mulher.

Neste contexto, a Folkcomunicação possibilitou ampliar os conteúdos e conhecimentos acerca do tema proposto, já que é uma teoria que "(...) emerge no Brasil na década de 1960, num contexto sócio-político de repressão, problemas sociais como baixa renda per capita." (AMPHILO, 2012, p. 18-19). Auxiliou inclusive no processo de compreensão da relação linguística do teatro com os trabalhadores de cana e nos contextos do desenvolvimento social que emergem naquela região. Peruzzo (2005) discute o teor da comunicação enquanto uma dinâmica de organização e mobilização social, salientando o processo do comunicar na possibilidade de interferência na proposta de transformação social e participativa desses grupos marginalizados pela sociedade.

O acompanhamento e estudo de caso das apresentações teatrais na Usina Destilaria Japungu aconteceram antes do início da safra da cana-de-açúcar, no mês de julho de 2017. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 28 trabalhadores, dois por apresentação. Todos homens, já que não há mulheres trabalhando com o corte.

O questionário foi dividido em três etapas: na primeira, as perguntas giravam em torno dos dados pessoais do cortador - idade, quantidade de filhos, cidade onde mora etc.; no segundo quadro, o entrevistado abordava a relação que tinha com a empresa, ou seja, quanto tempo trabalhava no local, como era o serviço, quais as diferenças de quando começou no corte de cana para os dias atuais; por último, as relações constituídas com o projeto Teatro na Usina.

Apesar de os entrevistados (os cortadores de cana-de-açúcar) autorizarem o uso do nome na pesquisa, preferimos usar fictícios, como procedimento

ético de não mostrar as verdadeiras identidades dos participantes. São reveladas, porém, determinadas informações, como idade, ocupação, tempo de serviço, consideradas relevantes para o entendimento do objeto de estudo como um todo. As falas foram transcritas fielmente, respeitando o uso da linguagem de cada um.

### *PERFORMANCES FOLKCOMUNICACIONAIS NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL*

Camargo (2012, p. 7) conceitua Performance Cultural como um

(...) campo de conhecimento científico e artístico, interdisciplinar e multidisciplinar que visa compreender, através de diferentes abordagens, a diversidade expressiva humana, numa visão transcultural, transversal e transdisciplinar. Manifestações estas que, de forma institucionalizada ou espontânea, religiosa ou laica, representam um jogo simbólico de representações culturais.

É a partir de tal fenômeno que evidenciamos, de forma interdisciplinar, para o campo da Folkcomunicação, onde toda expressão, marca ou identidade que visa passar uma mensagem por um gesto, por uma dança, uma encenação - artística ou não -, tem uma representação social, onde constitui "(...) o registro de uma unidade condensada de observação." (CAMARGO, 2012, p. 5).

Benjamin (2000, p. 15) explica que a Folkcomunicação é uma relação mútua entre as diversas manifestações da cultura popular e a comunicação de massa, em suas abordagens de identificação com o meio e apropriação do folclore. Em outras palavras, o próprio Beltrão (2001, p. 73) conceitua a Folkcomunicação como "um processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico." Para Holhfeldt (2002, p. 25):

(...) a Folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A Folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos.

Assim sendo, a partir do que foi abordado, entendemos o processo de performance folkcomunicacional como estratégia e encenação que utilizam marcas do popular como um encadeamento que é moldado pela comunicação do dia a dia, tendo por trás uma mensagem cheia de significados culturais, que podem contrapor muitas vezes os discursos hegemônicos.

A Folkcomunicação, dentro de uma metodologia de comunicação que estuda os meios populares marginalizados, vem a contribuir com a fundamentação das performances utilizadas por sujeitos em cenários e perspectivas distintas do cotidiano, dentro da ótica de encenação teatral, na busca por um espetáculo que protagonize a vida de cada um.

Temos como exemplo a festa de São João de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. O foco está nos rituais em torno de tal celebração, que têm como objetivo motivar a preservação das tradições locais, nos dilemas da religião, da crença, da cultura. “O povo, antes de tudo, celebra a vida, a fartura, a benção da natureza que favorece sua existência.” (SIGRIST, 2006, p. 254).

Os meios folkcomunicacionais da festa de Corumbá estão presentes nas orações, na cantoria, nas danças que exprimem, segundo a autora, os modos de pensar e sentir, a partir do uso de códigos locais. Muitas vezes os rituais de banho no rio Paraguai é a forma que romeiros buscam para curar suas feridas, entrar em contato com o sagrado, reavivar os laços familiares dentro da comunidade (SIGRIST, 2006).

Para um segundo momento, a partir das considerações levantadas e abordadas, parafraseamos o processo das performances folkcomunicacionais para o contexto das análises em torno do desenvolvimento local, partindo da premissa do social como elemento de pluralismo, empoderamento e constituição da cidadania – fontes inspiradoras do sujeito atuante na comunidade. A comunicação, dentro desse contexto, tem uma importante função: a de libertar.

Utilizamos o conceito de desenvolvimento local sob a ótica do social, a exemplo da questão da igualdade de gêneros como um fator preponderante dentro da sociedade, onde a mulher seja empoderada e tenha um papel tão importante quanto o do homem na família e no mundo.

Quando discutimos igualdade de renda, valorização dos saberes e do endógeno, percepção da identidade cultural, de fato, estamos trazendo à tona o desenvolvimento no âmbito social, reconhecendo “os diversos sujeitos que compõem a sociedade, da busca pela igualdade de direitos e deveres, pela melhoria da qualidade de vida e pela equidade entre os gêneros e as gerações.” (PIRES; SOUZA LIMA, 2012, p. 21).

O desafio perpassa, segundo Jesus (2003), pelo crivo das discussões em torno do que seria viável para que essas comunidades possam crescer, não só economicamente, mas também socialmente, para que saiam do marasmo que impõe projeções ideológicas que excluem, que calam. Assim, o desenvolvimento local é constituído de uma nova sociedade, mais crítica e coerente com sua própria história de vida e de anseios, em um território modificado por essas relações coexistentes,

abordado em sua multidimensionalidade interagida. Seu âmago é social, portanto, suas dimensões são: política, economia, cultura e também natureza, imbricados relacionalmente pela historicidade e conflitualidade inerente a toda esfera do corpo social. (EDUARDO, 2006, p. 178).

Salientando que, dentro dessa conjuntura, a abordagem na esfera social permite entender a conscientização dos direitos, dos fundamentos valorizados na autoestima, na busca pela luta da igualdade e equidade, na participação cidadã, enfim, acoplados nos saberes e significados de tal localidade – comunidade. “O diferencial desse processo, em relação aos anteriores, está no fato de que esta proposta de desenvolvimento passa a ser estruturada a partir dos próprios atores locais, e não mais pelo planejamento centralizado, de cima para baixo.” (TENÓRIO, 2007, p. 87). A dinâmica está nas “riquezas” endógenas, que não estão necessariamente valoradas em cifras, mas sim nas ações sociais, como o bem-estar, a autoestima, o protagonismo, a parceria, entre outros.

### *DESTILARIA JAPUNGU E SEUS TRABALHADORES*

A Destilaria Japungu está localizada na Fazenda Japungu, no município de Santa Rita, a 20 km de João Pessoa, na Paraíba. Possui 46 mil hectares, sendo 27 mil destinados à plantação de cana-de-açúcar e oito mil à preservação ambiental.

Fundada em agosto de 1980 pelo Banco Econômico e Agrofest, mas em 1989 foi vendida ao Grupo Cavalcante e Morais. Todo o complexo é dividido em duas usinas, a Japungu e a Agroval, onde a primeira produz álcool e a segunda, açúcar. Hoje em dia, José Bolivar de Melo Neto comanda toda a estrutura industrial.

Atualmente, as duas usinas moem por ano aproximadamente 1,7 milhão de toneladas de cana, sendo 90 mil metros cúbicos de etanol produzidos. Mais da metade da colheita é mecanizada, não podendo ser totalmente, devido

ao desnível de algumas áreas que impossibilitam o uso de máquinas para a realização do corte.

Por causa da mecanização, muitos cortadores foram demitidos ao longo dos anos, já que, segundo funcionários da empresa, uma máquina (ou “dinossauro”, como chamam os cortadores, por causa do tamanho) substitui em torno de 80 trabalhadores. Alguns estão sendo aproveitados para operar esses equipamentos, passando por um processo de capacitação.

Na safra 2017/2018, trabalharam no campo 615 cortadores, divididos em 14 grupos, segundo Guimarães (2017, informação verbal), que é dirigente agrícola da Japungu, onde trabalha há 22 anos. De 2016 para 2017, uma turma de 42 pessoas foi demitida; uns foram aproveitados, outros deixaram a empresa. No total, são mais de três mil funcionários, entre cortadores, motoristas, mecânicos, técnicos, entre outras atividades. “A mecanização cria um novo perfil de trabalhador, dando oportunidades a tratoristas, mecânicos, técnicos, reduzindo, entretanto, a demanda de empregados de baixa escolaridade, como os cortadores de cana-de-açúcar.” (COSTA; MACIEL JÚNIOR; PAULA, 2010, p. 102).

O processo de mecanização vem crescendo devido à fiscalização do Ministério do Meio Ambiente em torno da queima da cana na pré-colheita (os custos com a cana-de-açúcar queimada são mais baratos em relação à cana verde). Em São Paulo, por exemplo, já há uma lei que proíbe atear fogo no canavial.<sup>3</sup> “Por sua vez, a colheita mecanizada (...) apresenta algumas restrições: alto investimento, elevada capacidade operacional e risco de tombamento das máquinas em topografia com declividade acima de 12%.” (RIBEIRO; PESQUERO, 2010, p. 255).

Recebem por quinzena, porém no total chegam a ganhar três salários mínimos por mês.<sup>4</sup> Iniciam o serviço entre os meses de junho/julho, começo da safra, e são dispensados no fim dela, por volta de fevereiro/março. Durante o período que estão longe da empresa, recebem o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e salário-desemprego (ano sim, ano não), até serem recontratados novamente, reiniciando um novo ciclo no canavial.

Há também que considerar as mudanças provocadas por diversas Normas Regulamentadoras (NR), como a 31, do Ministério do Trabalho e

---

<sup>3</sup> SÃO PAULO (Estado). Lei n. 11.241, de 19 de setembro 2002. Dispõe sobre eliminação gradativa da queima da palha da cana-de-açúcar. *Diário Oficial [do] Estado de São Paulo*, São Paulo, SP, 20 set. 2002. Disponível em: < <http://www.al.sp.gov.br/norma?id=217>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

<sup>4</sup> Informações dadas pelos próprios cortadores da Japungu.



Emprego (MTE), que estabelece preceitos a serem observados em algumas atividades, como a agricultura, pecuária, entre outros, no intuito de garantir mais segurança, saúde e meio ambiente.

Sobre os entrevistados, há dados importantes a serem levados em consideração. Em relação à escolaridade, 44,83% dos trabalhadores pararam de estudar no Fundamental I, o que possibilita, ao menos, a habilidade de ler e escrever; entretanto, 17,24% são analfabetos – a falta de condições financeiras (muitos tiveram que trabalhar desde criança para ajudar nas contas da casa), além da ausência de escolas próximas da zona rural, são as principais razões por trás de tal dado.

É interessante notar também a porcentagem daqueles que têm casa própria, totalizando 75,86%, construída com recursos próprios, obtidos através do corte de cana-de-açúcar. Para todos eles, isso representa o maior ganho da profissão, o que dá uma certa seguridade no futuro, caso venham a perder o emprego no canavial. Os que moram de aluguel, 6,90%, estão em processo de construção da casa, indicando que em até dois anos estarão morando em residências que poderão chamar de suas.

Para complemento da renda ou ajudar na redução dos custos, muitos trabalhadores (41,38%) têm um roçado, onde plantam macaxeira, inhame, tomate, entre outros, para consumo interno. As mulheres, em geral, tomam conta do plantio.

### PROJETO TEATRO NA USINA

O projeto Teatro na Usina nasceu em 2004, pela Companhia Paraíba de Dramas e Comédias, devido ao fracasso nos resultados das palestras utilizadas pela Destilaria Japungu com os trabalhadores. Os dirigentes perceberam que premiar os melhores cortadores não era a melhor solução para mudar os índices sociais e o comportamento dessas pessoas (havia muitos casos de alcoolismo no campo, por exemplo), como também melhorar a produtividade da empresa. Além disso, com o estabelecimento da NR 31, era preciso uma comunicação que pudesse explicar, de forma mais fluída, as modificações provocadas pelas normas de segurança, como o uso do EPI.

O teatro foi a forma usada para que a comunicação que a Japungu queria fosse feita de uma forma mais direta, a partir, por exemplo, do uso de linguagens e expressões que fossem do cotidiano. Desde então, há uma mudança no processo de relação entre empresa e colaborador. “Antes, víamos incêndios nos canaviais, trabalhadores que vinham para o serviço bêbados, casos de

violência contra a mulher. Hoje, a partir desse diagnóstico, é perceptível a melhora nesses índices.” (LIMA, 2017, informação verbal).

Mas, como trazer o teatro para a usina? Esse foi um dos primeiros questionamentos de Guimarães (2017, informação verbal). “Houve uma certa resistência no início, inclusive de certos dirigentes, que questionaram: Trabalhador rural vai ver teatro?” Com o aval dos donos da Japungu, foi atrás de Fabiano do Egypto, ator e filho do teatrólogo paraibano Ednaldo do Egypto. Fabiano apresentou Guimarães a Erivan Lima, que gostou da proposta. “A gente queria resgatar a profissão do cortador, que no passado foi muito maltratada, incompreendida, e queríamos mostrar ao trabalhador que esse era um serviço digno”, relembra Guimarães (2017, informação verbal).

Para Guimarães (2017, informação verbal), o projeto só deu certo porque a família também foi incluída. “No primeiro ano, quase que obrigamos o cortador trazer a esposa e os filhos. Isso foi o segredo do sucesso da proposta. Mostramos ao trabalhador que ele não precisava faltar, pois quem perdia era a família.” Por conseguinte, seria mais fácil de a mensagem ser apreendida de forma mais participativa. Em casa, debateriam os temas, tentariam resolver os problemas a partir do que viram nas encenações.

O título do projeto em 2017 foi “Doutor, me ensine a viver!” (espetáculo com uma hora de duração), fazendo uma alusão à hipertensão e diabetes. A temática da saúde foi escolhida devido aos altos índices dessas doenças nos cortadores de cana-de-açúcar, apresentados nos exames de rotina. “Era preciso ter uma noção no campo de como está o trabalhador, para poder orientar e ter uma atitude para viabilizar a melhoria de vida dele.” (GUIMARÃES, 2017, informação verbal).

Dados da Japungu,<sup>5</sup> coletados a partir de um prévio levantamento que foi feito antes de cada encenação, apontam que 19% são hipertensos; além disso, 31% estão com anomalias na pressão, podendo comprometer, caso não cuidem da saúde, a piora do estado. Em relação a diabetes, 13% estão com risco de obter a doença. Nesse caso, as enfermeiras recomendam que os pacientes procurem um posto médico próximo da residência para fazer exames de sangue, avaliando com mais precisão as taxas. Por último, 44% estão com sobrepeso (quando a pessoa ultrapassa o peso desejável, tendo o Índice de Massa Corporal (IMC)<sup>6</sup> entre 25 e 29,9); 19% apresentam obesidade (peso muito superior ao que seria considerável saudável. IMC a partir de 30).

---

<sup>5</sup> Dados não publicados fornecidos pela assistência social da Japungu.

<sup>6</sup> Cálculo do IMC = peso (quilos) ÷ altura (metros) ÷ altura (metros)

Os personagens da peça constituem o cotidiano dos cortadores, como Mané Sabastião, o fofoqueiro da usina, interpretado pelo ator Leonardo Santiago. No cenário, há dois painéis pintados à mão, remetendo à uma casa, que, em determinados momentos, torna-se um hospital (quando é virado). Outros elementos são colocados em cena durante o processo, como a boneca de pano Cici Pé de Valsa, namorada de Pedrinho. Há muitos diálogos com a plateia, que a todo instante interage com o espetáculo. Muitos gritam: “Esse Pedrinho é doido”, “Vai enganar o diabo”, “Mijadeira da gota”. Tais falas complementam o espetáculo, aproveitados pelos narradores para responder as piadas e provocações.

As pessoas filmam com os seus celulares, conversam entre si. “Vou mostrar as filmagens para meu irmão, que não pôde estar presente hoje”, disse um deles. Riem, por alguns instantes, esquecendo dos problemas que existem lá fora. “É um lazer”, como narraria uma das esposas.

### VOZES DO CANAVIAL

João Melo (2017) tem hoje 49 anos. Mas a aparência parece ser mais velha, marcada pelas manchas do sol escaldantes na pele. A disposição é de um menino. “Olha minha idade, não sinto uma dor. Não tenho inveja de cabra novo.” (MELO, 2017, informação verbal). Diz que viveu dois tempos no canavial; o primeiro, quando começou aos oito anos de idade para ajudar a família, já que o pai era deficiente. A jornada era difícil, afinal de contas era preciso alimentar os cinco irmãos. Os estudos também foram sacrificados: chegou até a 3ª série do fundamental, o que lhe permite pelo menos ler; a segunda fase, relata, vem com as melhorias na segurança do trabalho.

Ao todo, são mais de 40 anos na mesma labuta. Mas quem vê o sorriso simpático de Melo, não imagina o sofrimento por trás. O álcool levou-o a outros patamares. Pegava parte do salário que recebia e gastava nos bares da cidade. Chegava bêbado em casa. Desestruturava a família com seus atos. Foram 21 anos de vício. “Recebia conselho, mas não ligava. Era um lazer para mim. Estava pagando minha sepultura, pagando pra morrer. Tudo que você faz fora do normal é pagar pra morrer.” (MELO, 2017, informação verbal). Lembra ainda que muitas vezes chegou de “ressaca” na Japungu. Era preciso uma mudança interior. “Eu era uma reciclagem que só servia pros canavieiros. Deus tinha um plano na minha vida.”

Faz 12 anos que Melo deixou a bebida, “para nunca mais”, narra com orgulho (2017, informação verbal). O álcool, para o cortador, traz quatro

malefícios: desmoraliza o cidadão, envelhece, apodrece e mata. Afirma que teve sorte em não ter passado pelo último deles.

Ao ser indagado sobre o motivo de deixar a bebida, conta que foi por causa do teatro. O primeiro tema tratava sobre o alcoolismo. As coincidências com o espetáculo não pararam por aí:

Tinha uma [personagem] que era Nazaré, a minha esposa se chamava também Nazaré. Lá está ela ali, de costas. Tinha saído do mundo do álcool, mas não me agarantia. Porque eu gostava do álcool, e não era fácil lutar contra. Todos nós temos um vício. Não tava pronto pra encarar a realidade. Veio o teatro, coloquei na mente. Porque não importa o que fui, o que importa é o que sou hoje. Inda mais o reforço: o cair é do homem, o levantar é de Deus. (MELO, 2017, informação verbal).

O teatro ajudou Melo a ver a vida de uma outra maneira. Já era membro do Alcoólicos Anônimos (AA), mesmo assim não conseguia parar com o vício. Hoje, dá palestras em várias cidades contando sobre o seu caso. Tem orgulho da nova fase, pois hoje considera-se uma pessoa importante. “Fui convidado no São João pra dar palestra na cidade de Sapé. Fui muito elogiado. Eu era um cabra ignorante. Fui falar com o juiz ontem por causa de problemas na família, mas se fosse há 12 anos, quem tinha sido preso era eu.” (MELO, 2017, informação verbal). Envaidece-se também da então visita do governador da Paraíba, Ricardo Coutinho, à Japungu, no ano de 2015, onde contou toda a sua história de vida. “Antes, não era convidado para nada. Saía de casa somente pra falar com o dono do bar.”

Melo (2017) reconhece que o álcool desestruturou a família. Alega que, se botarem um copo de cerveja ou maconha para escolher, prefere o segundo item. Para ele, o álcool é uma das piores drogas e através disso chega-se a qualquer outro vício.

Você só deixa de usar quando admite que é um vício. Pra mim, quem viesse falar mal do álcool, eu brigava. Hoje, admito que eu era um doente. Pra você chegar à realidade, tem que reconhecer. Negava de ir à igreja, achava todos ladrões. Hoje, vou escutar a palavra de Deus, para que eu tenha direito à minha salvação. Você planta o quiser, mas se lembre que você colhe tudo aquilo que plantou. (MELO, 2017, informação verbal).

Melo relata que sua vida é cuidar da família. Dizia que vivia bem, mas confessa que era um louco. Mas, no momento que aprendeu a se amar, enxergou-se como gente. “Você já tentou aproveitar a vida muito mais se não bebesse? Assistindo o teatro aqui, pensei nisso. Nunca tinha feito essa reflexão. Hoje, não tenho medo de festa, tô preparado pra encarar a realidade.” (2017, informação verbal).

Um dos temas do projeto Teatro na Usina que foi amplamente apontado como um dos mais importantes foi sobre economia doméstica. Ter dívidas é dor de cabeça para qualquer um, ainda mais quando se tem uma família para cuidar.

Tenório Barreto (2017), 49 anos, por exemplo, trabalha na Japungu desde o ano de 2002. Chegou a concluir a alfabetização, mas teve que ir para o canavial aos 12 anos. Sabe muito bem economizar o salário que ganha. Mas nem sempre foi assim. Confessa que gastava à toa, principalmente com bebida. Em casa, faltava de tudo.

Gastei muito dinheiro com bebida. Às vezes, você ia caçar alimento em casa e não tinha. A mulher reclamava: “Você saiu com aquele dinheiro”. E dizia que tinha gasto com os amigos. E fazia falta no outro dia. O teatro ajudou em muita coisa. (BARRETO, 2017, informação verbal).

Outro caso é o de Santiago Veneza (2017), 42 anos. A ida aos canaviais aos oito anos era a forma que tinha para trazer o pão para casa. Seu pai queria que Veneza estudasse, virasse “doutor”, mas a necessidade foi muito maior. Aprendeu com o teatro a economizar parte da renda que ganha, principalmente durante o período da entressafra, quando não tem o salário-desemprego para ajudar nas contas de casa. Por isso, o tema da economia foi o que mais fez a diferença.

Passamos o dia fora e a esposa é quem comanda dentro de casa. Ela viu a peça e juntos começamos a economizar dinheiro, principalmente pensando nos filhos. Isso deu uma crescida no lar. Agradeço muito a Deus. Todos vivem bem. (VENEZA, 2017, informação verbal).

Reclama às vezes da esposa, que insiste em comprar produtos com vendedores ambulantes que passam de porta em porta. As prestações são feitas em até 24 vezes, mas no final os juros tornam a mercadoria muito

mais cara. É um dinheiro que no final faz falta. Outros cortadores também citaram este caso como exemplo.

O projeto, para Veneza (2017, informação verbal), é muito importante. Nunca teve a oportunidade de visitar um teatro na vida. “Mas o bom é que eles trazem essa parte do teatro trazendo a simplicidade, não tem baixo, alto. A comunicação é boa, usam o simples pra gente entender. Mas se trouxerem a modernização, também vamos entender.”

José Ferreira (2017) narra que muitos dos cortadores levam o teatro como brincadeira, não guardam o que ouvem. Afirma que, apesar das mensagens em torno da diabetes e hipertensão, poucos são aqueles que realmente vão se cuidar. Mas acredita que as esposas são importantes nesse processo: elas são as únicas que podem estimular os maridos. “A mulher se cuida muito, já percebeu isso? O homem é muito teimoso. Tiro por mim. O homem é relaxado. Vou tentar se cuidar mais e mais, pra que haja mais saúde.” (FERREIRA, 2017, informação verbal).

### *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

O projeto Teatro na Usina, dentro dos anseios que propusemos, contribui para o processo de desenvolvimento local, dentro dos aspectos da cidadania e educação. São os próprios cortadores que reafirmam a questão. Mas, como dissemos, é algo que ainda está em construção. Depois de 14 anos de apresentações, reafirmamos que a iniciativa contribui para o bem-estar de nossos protagonistas, mesmo estando imbricados em uma agricultura tradicional e patriarcal.

As ressocializações são outras referências encontradas a partir do projeto. As práticas resultantes das encenações mostram que os temas são vistos e compreendidos em sua totalidade, concomitantemente com o acompanhamento que a usina faz durante a safra. As mudanças estão espalhadas nas diversas falas. A bebida, tema mais citado, desestruturou muitos dos cortadores, muitas das famílias. Hoje, veem de forma diferente, sabem da responsabilidade que possuem, do mal que causaram a si próprios.

Acreditamos que há muitas formas de continuar a estudar este projeto. Sob o ponto de vista das esposas, por exemplo. Qual a visão delas sobre as encenações? O que realmente mudou na vida? Será que terão as mesmas perspectivas que os maridos? Para o tempo que tivemos, seria inviável, em um primeiro momento, obter essas respostas. Deixamos aqui o registro.

Além disso, outro modo de abordar o objeto de estudo é fazer um acompanhamento maior dos temas tratados. Ou seja, ampliar o tempo das observações, as entrevistas. Neste sentido, aprofundaríamos a perspectiva das performances folkcomunicacionais nos cenários do desenvolvimento local. Ganharíamos mais confiança, fazendo com que os cortadores revelassem, sem receios, os problemas vividos no canavial e na vida.

Podemos ainda ver o projeto sob outros olhares, pela administração, sociologia, antropologia, inclusive pelo teatro. Não é um universo fechado. Como dissemos, este artigo é somente mais um pontapé para futuros trabalhos que possam surgir sobre a temática.

## REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. “A Gênese da Folkcomunicação”. **Revista Internacional da Folkcomunicação**, Ponta Grossa/PR, Volume 10, Número 21, set./dez. 2012.

BARRETO, Tenório. **Tenório Barreto**: depoimento [julho 2017]. Entrevistador: Ítalo Rômany de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias. Porto Alegre: EDIPUC, 2001.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

CAMARGO, Robson Corrêa. “Performances Culturais, os limiães de uma nova tradição”. In: **Anais do VII Congresso da ABRACE**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/vii-congresso/completos/textosmesas/Mesa%20VIII%20-%20Performances%20Culturais%20CAMARGO%20Correa.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

COSTA, Aparecida Roberta; MACIEL JÚNIOR, Vinícius Antônio; PAULA, Vera Mariza Chaud de. “A doçura da cana-de-açúcar e a vida amarga dos trabalhadores rurais no município de Jaborandi/SP”. **Nucleus**, v.7, n.1, 2010.

EDUARDO, Márcio Freitas. “Território, trabalho e poder”. **Campo-território**: revista de geografia agrária, v.1, n. 2, ago. /2006.

FERREIRA, José. **José Ferreira**: depoimento [julho 2017]. Entrevistador: Ítalo Rômany de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

GUIMARÃES, Dante. **Dante Guimarães**: depoimento [maio 2017]. Entrevistador: Ítalo Rômany de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

HOHLFELDT, Antônio. “Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século”. **Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional**, São Bernardo do Campos, v.1, n.5, 2002.

JESUS, Paulo de. “Desenvolvimento Local”. In: CATTANI, A. (Org.). **A outra Economia**. Porto Alegre: Vaz Editores, 2003.

LIMA, Erivan. **Erivan Lima**: depoimento [maio 2017]. Entrevistador: Ítalo Rômany de Carvalho Andrade. João Pessoa-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

MELO, João. **João Melo**: depoimento [julho 2017]. Entrevistador: Ítalo Rômany de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.

PERUZZO, Cíclia. “Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania”. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. Ano 2, nº 03. São Paulo: ALAIC, julho/dezembro 2005.

PIRES, Alexandre Henrique Bezerra; SOUZA LIMA, Irenilda de. “A abordagem agroecológica na extensão rural: ferramenta político-metodológica para reflexões sobre o desenvolvimento local”. In: SOUZA LIMA, Irenilda de (Org.). **Extensão Rural e o desenvolvimento local: uma proposta metodológica para a relação da teoria com a prática**. Recife: UFRPE, 2012.

RIBEIRO, Helena; PESQUERO, Célia. “Queimadas de cana-de-açúcar: avaliação de efeitos na qualidade do ar e na saúde respiratória de crianças”. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, 2010.

SIGRIST, Marlei. “A Folkcomunicação nas festas populares”. In: SCHIMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006.

SOUZA, Ana Paula Lazzaretti de; FINKLER, Lirene; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena. “Participação social e protagonismo: reflexões a partir das Conferências de Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil”. **Avances em Psicología Latinoamericana**. Bogotá, v. 28, n.2, 2010.

TENÓRIO, Fernando G. (Org.). **Cidadania e Desenvolvimento Local**. Rio de Janeiro: FGV; Ijuí: Unijuí, 2007.

VENEZA, Santiago. **Santiago Veneza**: depoimento [julho 2017]. Entrevistador: Ítalo Rômany de Carvalho Andrade. Santa Rita-PB: 2017. Entrevista concedida para a dissertação *Vozes do Canavial: Análise do projeto Teatro na Usina à luz das Performances Folkcomunicacionais e dos cenários do Desenvolvimento Local*.